

ERICOFIRMO@OPOVO.COM.BR

## ÉRICO FIRMO



ESTA COLUNA  
É PUBLICADA  
DE TERÇA A  
SÁBADO

### A CHANCE DE IMPEACHMENT DE BOLSONARO

É pequena, aviso de antemão, a chance referida acima de o presidente Jair Bolsonaro sofrer impeachment. Isso é o que acredito hoje. Processos de impeachment são construções. São sempre improváveis no começo. Aliás, no fim de 2005 parecia mais factível Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sofrer impeachment do que Dilma Rousseff (PT) na virada de 2015 para 2016. O conjunto de fatos policiais e políticos envolvidos eram mais intensos contra Lula que contra Dilma. Pesou naquela época para Lula não sofrer impeachment o fato de a eleição estar perto. O PSDB, então principal força de oposição, calculou que era melhor deixar Lula “sangrar”. Dilma sofreu impeachment com dois anos e meio de mandato pela frente. O PSDB, naquele momento, não quis esperar o desgaste e, sobretudo, o (P)MDB não quis deixar passar a vez. Formaram um governo de transição para o bolsonarismo.

Conto essa história para dizer que às vezes um impeachment parece próximo, mas não acontece. E às vezes soa improvável e ocorre. Isso se dá pelo seguinte: o impeachment não é o resultado natural dos desvios cometidos por um governante. Precisa de condições políticas para acontecer. E precisa ser construído. Não se dá espontaneamente. Impeachment tem autores, e não falo de quem apresenta a denúncia. Hoje, não vejo as condições dadas para tirar Bolsonaro.

Porém, parece-me claro que o impeachment já esteve mais distante. A popularidade do presidente caiu e não foi pouco. Os protestos ganham as ruas. O governo ficou perplexo com o início da vacinação. Ficou sem discurso. A reação nas redes sociais, essa arena na qual o bolsonarismo tanto se sente à vontade, não foi articulada, não construiu uma resposta coesa. Convenhamos, uma armadilha que o presidente construiu para si, pois qualquer governo do mundo transformaria o início da vacinação num momento de capitalizar popularidade. Bolsonaro apostou num confronto estúpido e deu as condições para João Doria agora surfar. Ontem, estava o presidente agradecendo a sensibilidade do governo chinês. Um gesto que seria natural não fosse a birra ideológica que criou. Assim não tem mesmo como a base ideológica do bolsonarismo defender.

O governo está na defensiva e sem rumo. Não duvido, entretanto, que se recupere. Tem uma base fiel, barulhenta, que seguirá com ele independentemente de qualquer coisa. Qualquer coisa, já ficou claro. Essa base é capaz de influenciar opiniões de terceiros. Não acho improvável que o governo siga trôpego e mesmo assim não sofra impeachment. Que Bolsonaro dispute a reeleição no ano que vem e não vou me admirar em nada se ele for reeleito. Acho, hoje, esse o cenário inclusive mais plausível.

Porém, o governo está vulnerável caso surja uma articulação disposta a encampar um impeachment, e tenha apoiadores nas posições certas para isso.

BARBARA MOIRA



CARREATA pelo impeachment em Fortaleza, no sábado

#### CONDIÇÕES PARA UM IMPEACHMENT

Citei acima algumas razões pelas quais Dilma sofreu impeachment e Lula não. Acrescento duas fundamentais: a economia, com Lula em 2005, estava melhor que em 2015, com Dilma. Muito melhor. É muito difícil, se não impossível, impeachment quando a economia vai bem. E Lula nunca ficou tão impopular quanto Dilma esteve. Bolsonaro, mesmo com a queda de popularidade, é muito mais popular do que Dilma ao ser derrubada. Ela chegou a estar com 13% de ótimo e bom e 65% de ruim e péssimo.

Um eventual impeachment de Bolsonaro dependeria de a popularidade do presidente cair bem mais. E do rumo da economia. Precisaria piorar bastante.

#### QUEM COMANDA

Outro fator crucial para impeachment: um comandante. Não é algo espontâneo. No de Fernando Collor, foi Ibsen Pinheiro. No de Dilma, Eduardo Cunha. Ambos presidentes da Câmara. O próximo ocupante do cargo será eleito semana que vem. Bolsonaro joga pesado para emplacar um aliado, não por acaso. Hoje, Arthur Lira (PP-AL) é citado como favorito. Situação, a se confirmar, que encerra a discussão sobre impeachment.

## Bolsonaro sinaliza filiação a novo partido em março

**I SEM SIGLA** | “Em março eu decido, ou decola o partido ou vou ter que arranjar outro”, disse o presidente, que ironizou atos que pediram impeachment

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) sinalizou filiação a um novo partido político em março. Após não conseguir tirar o Aliança pelo Brasil do papel, o chefe do Planalto passou a negociar a filiação a uma outra legenda para tentar a reeleição em 2022 e também levar aliados a uma nova sigla.

Nesta segunda-feira, 25, Bolsonaro foi questionado sobre o partido em conversa com apoiadores no Palácio da Alvorada. “Em março eu decido, ou decola o partido ou vou ter que arranjar outro”, disse o presidente. “Se não decolar, a gente vai ter que ter outro partido, se não, não temos como nos preparar para as eleições de 2022”.

Em 2019, Bolsonaro saiu do PSL após um racha no partido. Parlamentares da legenda se dividiram em uma disputa por espaços internos entre o presidente da República e o presidente nacional da legenda, Luciano Bivar. No ano passado, Bolsonaro passou a oferecer cargos e verbas federais a partidos do Centrão em troca de apoio no Congresso.

Sem partido, Bolsonaro é assediado pelo Centrão para uma filiação. Os convites vieram de integrantes do Progressistas, PL, PTB, Patriota e Republicanos. Os filhos Flávio Bolsonaro e Carlos Bolsonaro migraram para o Republicanos, partido ligado à Igreja Universal. No Ceará, o deputado estadual André Fernandes seguiu o mesmo caminho. O presidente da República não disse em qual partido pretende se filiar agora.

Na última quarta-feira, 20, Bolsonaro recebeu no Palácio do Planalto o senador Jorginho Mello (PL-SC), vice-líder do governo no Congresso, para uma conversa sobre filiação. A bancada da legenda preparou uma carta oficializando o convite. Atualmente, o PL tem 43 deputados federais e três senadores.

## 9

é o número de partidos aos quais Jair Bolsonaro já foi filiado

Para tirar um partido do papel, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) exige 492 mil assinaturas recolhidas em todo o País. Apoiadores do presidente tentaram recolher as assinaturas necessárias para as eleições municipais, sem sucesso. A mobilização foi feita em praças e em igrejas evangélicas.

No Ceará, os deputados estaduais Delegado Cavalcante (ainda no PSL) e André Fernandes capitanearam sem sucesso a empreitada do Aliança pelo Brasil. Na conversa com apoiadores, Bolsonaro admitiu a dificuldade para cumprir os critérios.

“Muita burocracia, é muito trabalho, certificação de fichas, o tempo está meio exíguo”, disse o presidente. “Não



TENTATIVA de colher assinaturas para o Aliança pelo Brasil não vingou

é por mim, eu não estou fazendo campanha para 2022, mas o pessoal quer disputar e queria estar em um partido que tivesse simpatia minha”.

Jair Bolsonaro ironizou as manifestações que cobraram a saída dele do cargo nos últimos dias. Na conversa com apoiadores no Alvorada, o chefe do Planalto citou uma carreta em Campo Grande (MS).

“Eu vi uma carreta monstro, de uns 10 carros, contra mim”, disse Bolsonaro quando um apoiador se identificou como morador de Campo Grande. Na conversa, o presidente da República não fez outros comentários sobre a pressão para um processo de impeachment.

No domingo, 24, o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem Pra Rua, que organizaram atos durante o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, protestaram contra Bolsonaro. Em São Paulo, segundo os organizadores, cerca de 500 carros participaram da manifestação. A Polícia Militar (PM) não fez estimativa.

No sábado, 23, também houve atos de partidos de esquerda contra o presidente em pelo menos 18 capitais.

## Lewandowski determina inquérito contra Pazuello

### I CRISE EM MANAUS

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Ricardo Lewandowski determinou ontem abertura de inquérito para apurar a atuação do ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, no colapso da rede pública de hospitais em Manaus.

O objetivo é investigar se houve omissão no enfrentamento da crise provocada pela falta de oxigênio para pacientes com Covid-19 na capital do Amazonas. A abertura do inquérito, a pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR), aprofunda o desgaste de Pazuello, que viajou a Manaus no sábado, 23, sem data para voltar.

Sob pressão, Pazuello iria ficar em Manaus “o tempo que for necessário”, segundo informou o ministério. Procurada após a decisão de Lewandowski, a pasta informou que “aguarda a notificação oficial

para posterior manifestação”.

O pedido de Aras foi uma resposta à representação feita por partidos políticos, que acionaram a PGR sob a alegação de que Pazuello e seus auxiliares têm adotado uma “conduta omissiva”. Ao longo dos últimos dias, a pressão de parlamentares e da opinião pública cresceu sobre a PGR.

Ao solicitar o pedido de abertura de inquérito, Aras considerou “possível intempetividade” nas ações de Pazuello, indicando que o ministro da Saúde pode ter demorado a reagir à crise em Manaus. O próprio governo já admitiu ao STF que a pasta sabia desde 8 de janeiro que havia escassez de oxigênio para os pacientes em Manaus, uma semana antes do colapso.

Na decisão, Lewandowski também determinou que Pazuello preste depoimento à

Polícia Federal em cinco dias e que a investigação seja concluída dentro de um prazo de dois meses.

“A Constituição Federal prevê que compete a esta Suprema Corte ‘processar e julgar, originariamente’, os ministros de Estado, ‘nas infrações comuns e nos crimes de responsabilidade’”, afirmou Lewandowski no despacho.

Lewandowski não tirou férias e continuou trabalhando normalmente durante o receso do tribunal, já que é relator das principais ações que tratam do enfrentamento da pandemia do novo coronavírus.

Os adiamentos envolvendo a campanha de imunização e a negociação de insumos para a vacina pesam para o abalo da imagem do ministro, nomeado para o cargo por sua experiência em logística. (Agência Estado)

THAIS MESQUITA